

A FRAGA DOS CORVOS (MACEDO DE CAVALEIROS): UM SÍTIO DE HABITAT DO “MUNDO CARRAPATAS” DA PRIMEIRA IDADE DO BRONZE EM TRÁS-OS-MONTES ORIENTAL.

João Carlos de SENNA-MARTINEZ¹;
José Manuel Quintã VENTURA²;
Helder Alexandre CARVALHO³

Resumo

Apresentam-se os resultados preliminares dos dois primeiros de intervenção neste arqueossítio. A Fraga dos Corvos localiza-se num esporão rochoso anfibolítico, na vertente Noroeste da Serra de Bornes, sobranceira à povoação de Vilar do Monte, com um excelente domínio visual sobre a quase totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros, nomeadamente sobre as portelas tradicionais de trânsito em direcção a nordeste (Bragança) e noroeste para Murça, locais dos achados dos depósitos de alabardas tipo Carrapatas, mundo cultural de contornos até à data bastante imprecisos e de que constitui a primeira identificação de um sítio de habitat a ele atribuível.

No sítio foram identificadas, até ao momento, duas estratégias de ocupação:

- Uma desenvolvendo-se no topo do cabeço (Sector A) formando um habitat provavelmente permanente, constituído até ao momento por 4 cabanas, cuja ocupação pode ser atribuída à 1ª Idade do Bronze, apresentando elementos culturais das tradições Campaniforme e Cogeces.

- Na sua vertente noroeste, um conjunto de abrigos sob rocha, dos quais intervencionamos o Abrigo 2. Este evidencia uma sequência de ocupação, também enquadrável na 1ª Idade do Bronze, materializada em dois pisos de habitat, um deles (Piso b) associado a uma “parede” ou “guarda-vento” com fundações em pedra e supra-estrutura de postes de madeira e ramagens forradas a barro.

Palavras-Chave: Habitat do “Mundo Carrapatas”; Primeira Idade do Bronze; Macedo de Cavaleiros; Trás-os-Montes Oriental

Abstract

We present the result of the two field seasons in the habitat site of Fraga dos Corvos. This site occupies an outcrop of anfibolitic schist on the NW versant of Serra de Bornes and comprises an upper habitat (Sector A) with the structures of four hut-floors already excavated, and two rock-shelters on the NW slope, where we excavated the lower one (Abrigo 2).

The material culture identified allow us to correlate this site with the deposits of halberd blades of Carrapatas type found in the mountain fords which constitute the traditional entrance and exit ways of the Macedo de Cavaleiros Basin.

Evidence of bronze smiting was detected in one the excavated hut-floors, and the first moment of Abrigo 2 occupation comprises the construction of a wind-break structure with stone foundations, a post-hole and evidence of a wattle and daub superstructure.

Key words: First Bronze Age; “Carrapatas world”; Macedo de Cavaleiros; Trás-os-Montes Oriental

1. LOCALIZAÇÃO E AMBIENTE

A Fraga dos Corvos é um esporão rochoso constituído por xistos anfibolíticos situado na vertente noroeste da Serra de Bornes na elevação conhecida localmente como Monte do Vilar, sobranceira à povoação de Vilar do Monte, sede da freguesia do mesmo nome, concelho de Macedo de Cavaleiros (Figs. 1 e 2).

O cabeço possui domínio visual sobre a quase tota-

lidade da bacia de Macedo de Cavaleiros nomeadamente sobre as portelas tradicionais de trânsito em direcção a nordeste (Bragança) e noroeste para Murça, em particular a de Carrapatas, célebre pelo depósito de alabardas aí encontrado em 1891 (BÁRTHOLO, 1959: 435-436).

Na base de dados do IPA, sob o CNS 6650, consta como um “...povoado fortificado de grandes dimensões, situado no topo de um grande monte, sobre a aldeia de Vilar do Monte, nos contrafortes ocidentais da serra de Bornes...”.

¹ Professor Associado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Instituto «Alexandre Herculano» de Estudos Regionais e do Municipalismo e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Cidade Universitária, Campo Grande, 1600-214 LISBOA. smartinez@iol.pt

² Mestre em Pré-História e Arqueologia pela F.L.U.L., Investigador do PEABMAM - PAISAGENS e Investigador Externo do Instituto «Alexandre Herculano» de Estudos Regionais e do Municipalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. jmqtvventura@yahoo.com

³ Licenciado em História, Variante de Arqueologia pela F.L.U.L., Investigador do Projecto “Terras Quentes”. helder@lfx4.ist.utl.pt

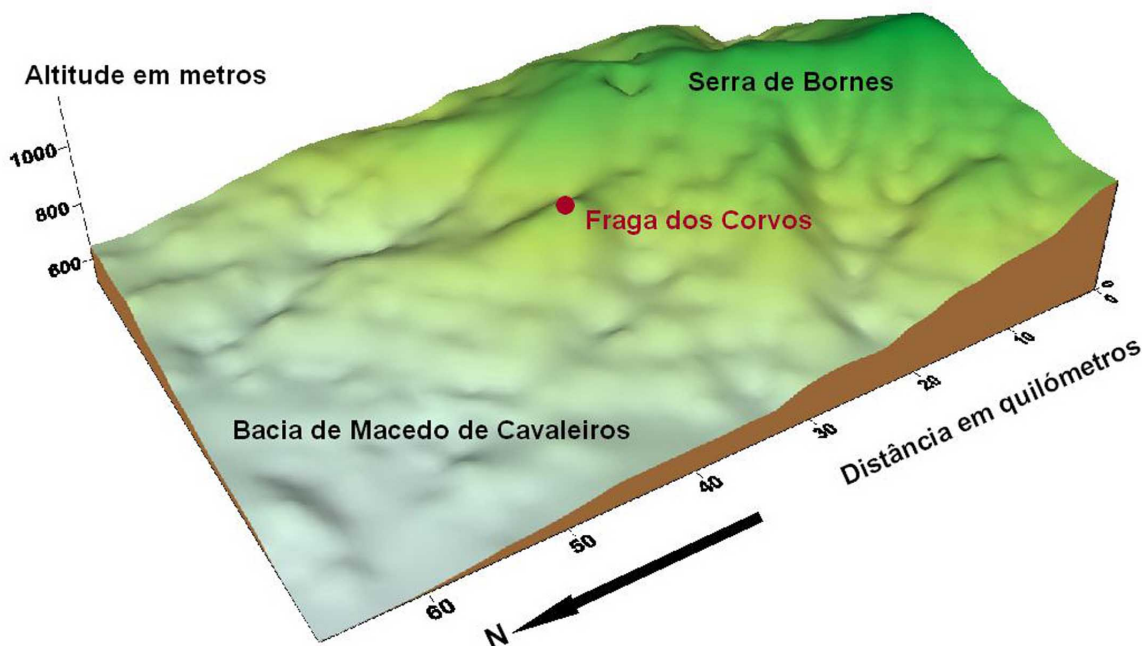


Fig. 1 – Bloco diagrama da Serra de Bornes e parte da Bacia de Macedo de Cavaleiros com a localização da Fraga dos Corvos.

O cabeço (Foto 1) é limitado a Noroeste por uma vertente bastante abrupta de rocha onde se abrem dois abrigos. As coordenadas do referencial altimétrico que implantámos num ponto dos afloramentos do topo desta vertente são: Longitude 99 122,194 e Latitude 203 403,721 GAUSS, para uma altitude de 870, 856 m, na folha 78 da CMP 1/25000 (Fig.2).



Fig. 2- Localização da Fraga dos Corvos na Folha 78 da CMP 1:25000.

A su-sueste e su-sudoeste desenvolve-se uma plataforma em declive suave que constitui a área que designámos como Sector A, onde implantámos um referencial ortogonal com o eixo dos y orientado segundo o norte magnético cobrindo uma área de 15m por 20m



Foto 1- Vista do topo da Serra de Bornes, em direcção a Noroeste, sobre a Fraga dos Corvos e Bacia de Macedo de Cavaleiros.

correspondente à parte norte do topo do cabeço (Fig. 3).

O cabeço é limitado a poente e nascente pelos vales relativamente profundos de duas pequenas ribeiras, respectivamente a de Vale de Nogueira e a Ribeirinha.

2. ANTECEDENTES DAS INTERVENÇÕES

Em princípios de Agosto de 2003, fomos alertados, na pessoa do Sr. Dr. Carlos Mendes – Presidente da Direcção da Associação “Terras Quentes” e responsável

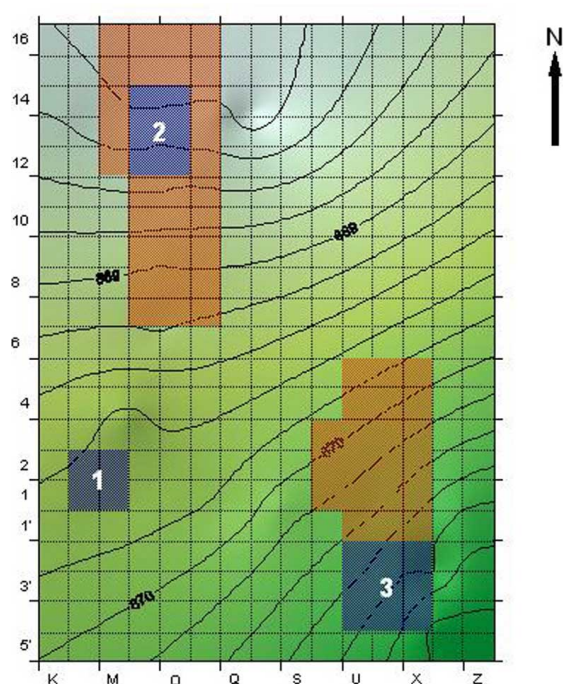


Fig. 3 – Referencial do Sector A com implantação das áreas escavadas nas Campanhas 1/2003 e 2/2004.

pela direcção do projecto de investigação arqueológica com o mesmo nome, oportunamente apresentado ao IPA – para o facto de uma lavra recente efectuada no topo do lugar conhecido como Fraga dos Corvos (Freguesia de Vilar do Monte, Concelho de Macedo de Cavaleiros), ter posto à vista diversos fragmentos cerâmicos, atribuíveis numa primeira análise à Idade do Bronze, pondo manifestamente em risco o local já conhecido como sítio de um provável castro.

Numa primeira deslocação ao local (em 2003-08-14) pudemos, na companhia do Dr. Mário Reis da Extensão do IPA em Macedo de Cavaleiros e do Dr. Manuel Cardoso (Membro da Assembleia Municipal de Macedo de Cavaleiros), verificar que tinham de facto sido atingidos depósitos arqueológicos e que se justificava uma intervenção que permitisse avaliar de futuras medidas.

A análise posterior de materiais, provenientes não só do sítio afectado mas também de dois abrigos sítos na respectiva vertente noroeste, veio revelar a possibilidade de existirem ocupações englobando pelo menos a Idade do Bronze e o Calcolítico. Tais materiais, ora entregues à Associação Terras Quentes para estudo, encontravam-se na posse do Sr. Moisés, tesoureiro da Junta de Freguesia de Vilar do Monte.

Tendo podido o primeiro dos signatários constatar a presença, entre os diversos fragmentos de olaria analisados, de um fragmento de bordo de uma taça com decoração interior “tipo Cogeces”, dois fragmentos de um recipiente com decoração pontilhada de “tradição Campaniforme” e dois fragmentos de bordo mamilados provavelmente pertencentes a um vaso tronco-cónico invertido, tudo isto apontando para uma inserção na Pri-

meira Idade do Bronze (Bronze Pleno) não sendo possível identificar a sua proveniência exacta (seja do topo do povoado ou do abrigo maior), efectuou-se segunda deslocação ao local com a participação, além dos signatários e do Dr. Carlos Mendes, do Sr. Engenheiro Beraldo Pinto (Presidente da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros) e do Dr. Manuel Cardoso (Membro da Assembleia Municipal de Macedo de Cavaleiros e Vice-Presidente da Direcção da Associação “Terras Quentes”).

Pudemos então constatar (Foto 2) que o abrigo maior apresentava provas inequívocas de escavação clandestina, com quatro grandes buracos, alguns fragmentos cerâmicos dispersos (bojos) e a presença de um crivo improvisado.

Em consequência destas diligências foi programada uma primeira campanha de escavações.

2.1. AS ESTRUTURAS E MATERIAIS DO SECTOR NO FINAL DA CAMPANHA DE 2003

No sentido de possibilitar o diagnóstico de situação pretendido, face aos meios e tempo disponíveis e uma vez que se constatava o total remeximento do terreno pela máquina que efectuara a lavra, escolheram-se três sondagens como amostragem preliminar da área. A Sondagem 1, com 4 m², ocupando os quadrados em LM1/2, a Sondagem 2, com 6 m², ocupando os quadrados OP12/14 e a Sondagem 3, com 9 m², ocupando os quadrados UVX2/4’.

As três sondagens confirmaram o total remeximento da parte superior do solo numa potência entre os 10 e 20cm. Sob este nível revolvido [UE.0] que incluía vestígios da manta morta (folhas, raízes e húmus) numa matriz de terras castanho avermelhadas escuras (Munsell 5YR3/3) apresentava-se um solo arqueológico [UE.1] (terras argilosas castanho avermelhadas escuras – 10YR4/4) com traços evidentes na sua interface superior das garras da máquina utilizada na lavra.

Na Sondagem 1, correspondente a um ponto do Sector A muito próximo dos afloramentos que o limitam a poente, este solo arqueológico apresentava pouca potência, sempre inferior a 7cm, dando lugar de imediato aos xistos alterados que constituem o substrato rochoso local. Além de olaria fragmentada, desta sondagem provêm ainda um elemento de foice denticulado em quartzito e uma pequena conta discoidal pétrea. A Sondagem 1 foi reentulhada com terra crivada.

Já as sondagens 2 e 3 revelaram, uma vez desmontada a UE.0 e iniciada a decapagem das UE.1 (Sondagem 2) e UE.2 (Sondagem 3 – trata-se da equivalente à UE.1 neste caso), a existência de diversas estruturas negativas que a atravessavam.

Na Sondagem 2 (Est. I), um conjunto de cinco buracos de poste [UEs. 3, 5, 7, 13 e 15] formam um arco de elipse entre o ângulo sudoeste de N13 e o ângulo nordeste de O13. Ao nível da sua interface de identificação revelam-se claramente, por contraste com as terras da

UE.1, pelos seus enchimentos mais escuros [UEs. 4, 6, 8, 14 e 16], terras castanho avermelhadas mais escuras (5YR3/3), apresentam diâmetros entre os 13 e 15 cm. Em N14 um outro buraco de poste [UE. 17] de diâmetro muito superior (34 por 27 cm) ocupava o que poderá ser um dos focos da elipse desenhada pela planta da cabana. Preenchiam-no [UE.18] terras castanhas muito escuras (10YR3/3) e continha ainda um grande calço pétreo in situ.

Interpretamos estas entidades como definidoras de um "fundo de cabana" pelo que foram cobertas com geotextil e terra crivada como protecção com vista à continuidade da sua escavação em 2004.

Entre os materiais recolhidos na Sondagem 2, nomeadamente olaria fragmentada, destacamos um fragmento de bordo de uma taça carenada tipo Cogeces com decoração impressa em espinha a punção lateral pelo interior e uma retícula incisa pelo exterior a qual, em conjunto com os restantes materiais recolhidos em associação à "Cabana 1" configuram um ambiente cultural da primeira Idade do Bronze. Destes poderemos ainda citar dois elementos de foice denticulados em quartzo leitoso.

Também na Sondagem 3 (Est. III), um conjunto de cinco buracos de poste [UEs. 9, 11, 19, 21 e 23] formam um arco de elipse definindo o que se nos afigura como outro "fundo de cabana" ocupando parte dos quadros XVU3'/4'. Ao nível da sua interface de identificação revelam-se claramente, por contraste com as terras da UE.1, pelos seus enchimentos mais escuros [UEs. 10, 12, 20, 22 e 24], terras castanho amareladas escuras (10YR4/6), apresentam diâmetros entre os 13 e 15 cm.

Interpretamos, também, estas entidades como definidoras de um "fundo de cabana" pelo que foram também cobertas com geotextil e terra crivada como protecção com vista à continuidade da sua escavação em 2004.

A totalidade dos materiais recolhidos em escavação nas três sondagens do Sector A apresentam-se como crono-culturalmente homogéneos e perfeitamente enquadráveis num ambiente de Primeira Idade do Bronze, permitindo relacionar esta ocupação detectada no Sector A com a maioria dos materiais provenientes de antigas recolhas por populares e com os achados dos depósitos de alabardas tipo Carrapatas, mundo cultural de contornos até à data bastante imprecisos e de que constitui a primeira identificação de um ambiente de cariz doméstico.

Estes dados aliados à precariedade das estruturas detectadas e à sua fácil destruição por qualquer intervenção de cariz agrícola ou silvícola recomendavam a continuidade urgente do estudo deste arqueosítio.

2.2. OS ABRIGOS

Localizados na face Oeste da Fraga dos Corvos, caracterizam-se como uma série de cavidades entre penedos de xisto anfíbolítico, criadas pela justaposição caótica de penedos de grandes dimensões.

Duas destas cavidades, as de maiores dimensões, os abrigos 1 (FCORV-A1) e 2 (FCORV-A2) numerados a contar do topo da vertente, foram em 2003 alvo de uma acção de limpeza e levantamento topográfico, permitindo determinar que:

- **O ABRIGO 1**, situando-se a uma cota média de 17 metros abaixo do topo do cabeço, apresenta-se como uma cavidade sob pala xistosa, com profundidade média de 3,50m – à face da pala – no sentido O-E e de 3,50m de largura no eixo N-S. A entrada da cavidade apresentava uma altura média de 2,10m, reduzindo-se esta para uns meros 0,50m na parte mais profunda. O solo encontra-se preenchido por elementos pétreos em xisto de médias e grandes dimensões, para além de enchimento de terra, com uma espessura indeterminada. Não foram detectados, durante a limpeza de matos e levantamento topográfico, quaisquer materiais arqueológicos.

- Situado 7 metros imediatamente abaixo deste, localiza-se o **ABRIGO 2** que se apresenta como uma cavidade mais profunda, criada pelo espaço entre dois blocos xistosos. Tem uma profundidade média de 6,30m – à face da pala – no sentido O-E. A sua largura à face da "pala" é de 3,60m sendo a sua largura média interna de cerca de 2,20m (Est. IV). A entrada apresenta-se com uma altura média de 3,10m, mas que diminui para uma altura média interna de 1,50m, sendo de 1m em média na sua parte mais profunda.

Na parte mais profunda, identificámos pelo menos 3 chaminés, o resultado dos interstícios entre os grandes blocos de xisto.

Foi ainda possível verificar, que o enchimento original deste abrigo, tinha sido profundamente afectado, por acção antrópica recente, sendo ainda visíveis diversas fossas, algumas com uma profundidade média que atinja cerca de 0,50m (Foto 2). A crer nas marcas deixadas nas paredes do abrigo, o nível primitivo dos respectivos enchimentos deveria encontrar-se cerca de um metro acima do actual.



Foto 2 – Vista geral da entrada do Abrigo 2, antes do início dos trabalhos em 2004, sentido O-E.

3. A INTERVENÇÃO 2 (2004)

A campanha 2 (2004) desenvolveu-se entre 16 de Agosto e 3 de Setembro tendo sido dirigida pelos signatários e contado com a participação de 8 alunos da Licenciatura em Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa¹ e uma aluna de Antropologia da Universidade de Louisville (Kentucky, USA)².

Os trabalhos foram apoiados pela Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros no âmbito do financiamento do Projecto Terras Quentes, desenvolvido pela Associação do mesmo nome e aprovado pelo IPA.

3.1. O SECTOR A

Após remoção das terras crivadas e geotextil com que foram cobertas no final da campanha 1 (2003), a intervenção neste sector, correspondente ao que designamos como o Povoado Superior da Fraga dos Corvos, teve como objectivo principal a caracterização integral das estruturas identificadas em 2003 nas Sondagens 2 e 3 através do alargamento das respectivas áreas de intervenção (Est. I e III).

Assim, a Sondagem 2 foi ampliada para 35m² abrangendo os quadrados M12/16 e NOP7/16, enquanto a Sondagem 3 foi ampliada para 33m², quadrados T1/3 e UVX4'/6 (cf. Fig.2).

3.1.1. A SONDAGEM 2

Nesta área, a remoção da manta morta [UE.0] após o alargamento da área intervencionada permitiu identificar nova série de estruturas negativas que completam o arco de elipse externo da Cabana 1 identificada em 2003 e identificar novo conjunto de estruturas semelhantes na parte sul da extensão desta (Cabana 3 – cf. Est. I).

Cabana 1 – Na extensão Oeste da área aberta, quadrados M12/15 a detecção de sete buracos de poste [UEs.30, 32, 40, 42, 44, 46 e 53] (Quadro 1) fecha a elipse da Cabana 1 por este lado, enquanto a Norte esta encosta ao que restava de um murete de retenção de terras [UE.50] formado por pedra de médias a grandes dimensões de xisto em matriz de terras castanhas escuras (7.5YR3/2) que se apresenta melhor conservado em NOP16 esbatendo-se a sua definição em M16.

A Oriente, em P15, dois buracos de poste [UEs.51 e 55] fecham a estrutura, sendo provável que um outro tenha sido destruído pela raiz de árvore que ocupa P14.

Em todos estes casos, bem como nos identificados em 2003, a coloração mais escura dos respectivos enchimentos (variando entre o castanho escuro – 10YR3/3 – e o castanho amarelado escuro – 10YR3/4) contrasta com a coloração mais clara da UE.1 (terras argilosas castanho avermelhadas escuras – 10YR4/4).

A Cabana 1 configura assim um espaço elipsoidal com o eixo maior orientado a Sudoeste-Nordeste e com cerca de 3m, por um eixo menor orientado Noroeste-Su-

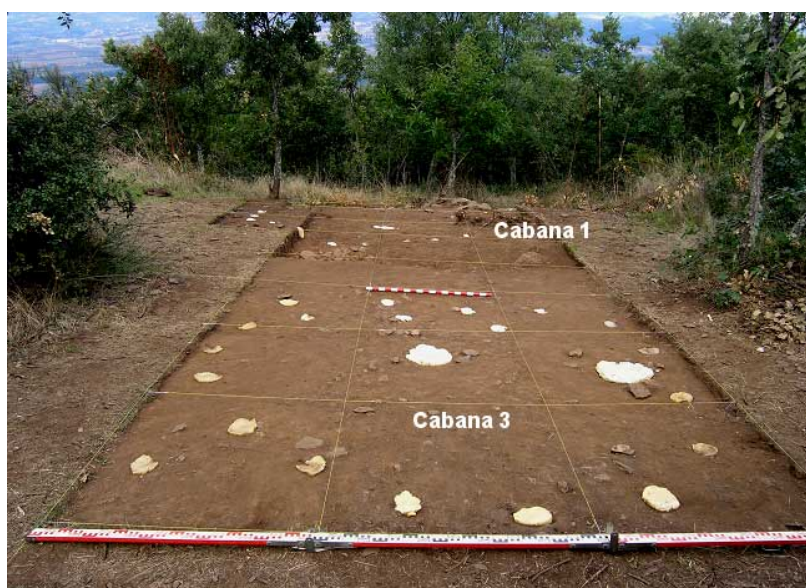


Foto 3 – A área da Sondagem 2 no final da intervenção de 2004 com as estruturas negativas escavadas e preenchidas a poliuretano expandido para preservação até à próxima campanha.

deste e cerca de 2,5m de extensão. Se a planta for tão regular como aparenta, é provável que, além do possível buraco de poste destruído por uma raiz a nascente, pelo menos outros cinco existissem a norte, estando hoje destruídos pelo arraste de terras provocado pela derrocada parcial da UE.50, num total de vinte postes para a periferia com o grande buraco de poste central [UEs.17/18] identificado em 2003.

Cabana 3 – A Sul da Cabana 1, ao prolongarmos a área da Sondagem 2 para os quadrados NOP8/10, pudemos identificar um novo conjunto de estruturas negativas definidoras de outro fundo de cabana de dimensões semelhantes às da Cabana 1 (Est.I).

Um conjunto de catorze buracos de poste [UEs.65, 67, 69, 71, 79, 81, 85, 89, 93, 95, 99, 101, 103 e 105] define uma elipse de dimensões e orientação idênticas às da Cabana 1, sendo duplicado parcialmente pelo exterior nos lados Norte e Sudoeste por mais seis [UEs.75, 77, 87, 91, 97, 107].

Em todos estes casos, a coloração mais escura dos respectivos enchimentos (variando entre o castanho escuro – 10YR3/3 – e o castanho amarelado escuro – 10YR3/4) contrasta com a coloração mais clara da UE.1 (terras argilosas castanho avermelhadas escuras – 10YR4/4).

Um grande buraco de poste central [UE.83], conservando ainda diversos calços no interior, completa a evidência desta cabana fazendo supor que, tal como no caso da Cabana 1, teria uma cobertura cônica.

Cabana 5 (?) – A desmontagem parcial da UE.1 em N12/13 permitiu reinterpretar parte da informação recolhida na intervenção de 2003 bem como durante a decapagem e escavação das estruturas negativas correspondentes à Cabana 1.

Abaixo das cotas de cerca de 866,90m detectámos

QUADRO 1
BURACOS DE POSTE DO HABITAT SUPERIOR DA FRAGA DOS CORVOS
SECTORA – SONDAGEM 2

Ambiente	UE B.poste	UE Ench.	Diam(cm)	Z. Detec(m)	Z.Fundo(m)	P(cm)	Estrutura
Cabana 1	3	4	10/14	867,01	866,70	31	simples
	5	6	10/15	867,04	866,70	34	simples
	7	8	11/13	867,05	866,71	34	simples
	13	14	15	866,89	866,71	18	simples
	15	16	10/14	867,06	866,73	33	simples
	17	18	34/27	866,88	866,28	62	central c/calço
	30	31	11	866,88	866,71	17	simples
	32	33	21	866,98	866,77	21	simples
	40	41	14	866,86	866,69	17	simples
	42	43	12	866,71	866,56	15	simples
	44	45	12	866,77	866,56	21	simples
	46	47	16,5	866,69	866,47	22	simples
	51	52	14	866,50	866,30	20	simples
	53	54	11	866,70	866,56	14	simples
	55	56	12	866,49	866,34	15	simples
Média			14	866,83	866,59	24	
Cabana 3 1ª elipse	65	66	16	867,69	867,51	18	simples
	67	68	11	867,65	867,55	10	simples
	69	70	12	867,55	867,39	16	simples
	71	72	10	867,49	867,36	13	simples
	79	80	13	867,73	867,43	30	simples
	81	82	10	867,71	867,48	23	simples
	83	84	25	867,49	867,25	24	central c/calços
	85	86	11	867,36	867,24	12	simples
	89	90	12	867,33	867,22	11	simples
	93	94	10	867,39	867,21	18	simples
	95	96	11	867,38	867,19	19	simples
	99	100	21	867,50	867,29	21	simples
	101	102	9	867,55	867,33	25	simples
	103	104	12	867,62	867,58	14	simples
	105	106	10	867,65	867,45	20	simples
	75	76	10	867,36	867,25	11	simples
	77	78	10	867,33	867,17	16	simples
	87	88	10	867,30	867,17	13	simples
	91	92	9	867,30	867,15	15	simples
Cabana 3 2ª elipse	97	98	10	867,35	867,20	15	simples
	107	108	12	867,69	867,55	14	simples
Média			12	867,50	867,33	17	

uma outra realidade (Est.II), presente sobretudo em N12 e encostando ao negativo dos buracos de poste UEs.7, 15 e 30, constituída por uma matriz de terras argilosas [UE.151] castanho escuras (7.5YR3/2) claramente diferenciáveis da UE.1 (terras argilosas castanho avermelhadas escuras – 10YR4/4) e que recobrem um empedrado de elementos de média dimensão em xisto e quartzito [UE.152] com abundantes termoclastos e restos ósseos fragmentados e calcinados (aparentemente todos de origem animal e englobando ovinos e suínos³) com alguns raros restos de carvões vegetais dispersos (Est. III).

A continuidade da investigação desta área em 2005 poderá esclarecer estes e outros aspectos do relacionamento destas duas realidades.

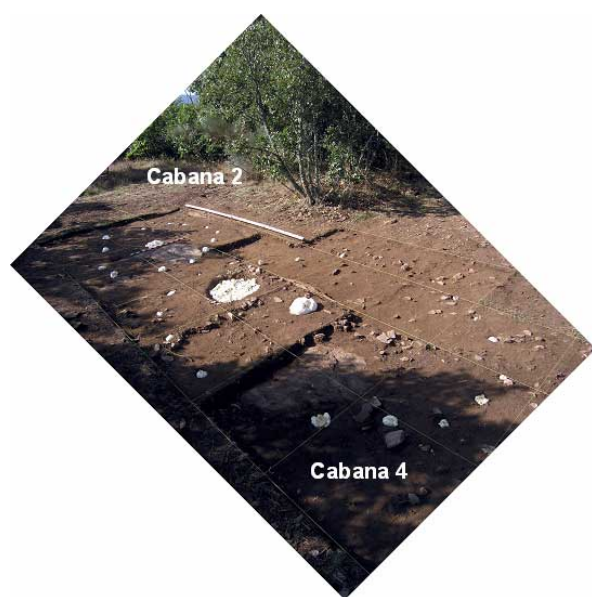


Foto 4 – A área da Sondagem 3 no final da intervenção de 2004 com as estruturas negativas escavadas e preenchidas a poliuretano expandido para conservação até à campanha de 2005.

As cotas de detecção mais elevadas a que encontramos os buracos de poste da estrutura da Cabana 1 (Quadro 1) variam, em sete dos casos, entre os 867,05m e os 866,90m. Uma vez que a grande superficialidade de detecção destes vestígios, aliada ao declive da vertente e destruição parcial do murete de retenção [UE.50], indiciam uma erosão superficial acentuada em todo o Sector A, parece-nos provável que o piso real da Cabana 1 se encontrasse acima da maioria das cotas de detecção determinadas. Como limite convencional pensamos que uma cota média de 866,90 poderá ser encarada como o limite entre a UE.1 e a UE.151 tendo a erosão de parte destas realidades mascarado a respectiva transição ou mesmo destruído a primeira em muita da área correspondente à Cabana 1 – nomeadamente nos quadrados MNOP14/15 – de que as estruturas (negativas) encontradas correspondem apenas à sua sub-estrutura que atravessa a UE.151.

3.1.2. A SONDAGEM 3

O alargamento da área da Sondagem 3 permitiu completar a planta da Cabana 2 e identificar outra a norte desta a Cabana 4 (Est. II).

Cabana 2 – Esta realidade surge assim definida por um conjunto de treze buracos de poste [UEs.9, 11, 19, 21, 23, 26, 28, 34, 36, 38, 59, 61, e 63] formando uma elipse com eixo maior orientado a Nordeste-Sudoeste e com cerca de 3m de comprimento e eixo menor orientado a Sudeste-Noroeste e com cerca de 2m de comprimento. Aproximadamente ao centro, um buraco de poste de maiores dimensões e conservando ainda diversos calços [UE. 48] sustentaria a cobertura.

Todas estas estruturas se distinguem claramente pelos respectivos enchimentos de cor mais escura que a envolvente [UE.2].

As dimensões desta cabana são assim equivalentes às detectadas para as Cabanas 1 e 3 demonstrando uma grande constância no respectivo módulo arquitectural.

Cabana 4 – Definida a partir de um conjunto de estruturas equivalente às das outras cabanas identificadas, esta realidade apresenta-se contudo com um módulo construtivo bastante diferente. De forma igualmente elipsoidal mas com o eixo maior orientado a Sul-Norte e com 4m de comprimento por 3m de eixo menor orientado a nascente-poente, tem quase o dobro da área das restantes três até à data identificadas.

Definem-a um conjunto de vinte buracos de poste periféricos [UEs. 111, 113, 115, 117, 119, 121, 123, 125, 127, 129, 131, 133, 135, 137, 139, 141, 143, 145, 147 e 149] claramente identificáveis a partir dos enchimentos [UEs. 112, 114, 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132, 134, 136, 138, 140, 142, 144, 146, 148 e 150] de cor manifestamente mais escura que as envolventes. Um grande buraco de poste central [UE.153] sustentaria a respectiva cobertura que supomos seria de tipo cónico.

Toda a área da Sondagem 3 foi fortemente afectada pela erosão que deverá ser responsável pelo desaparecimento da parte superior dos pisos das cabanas identificadas, sobretudo na parte sul da Cabana 2 e na Cabana 4. O nível correspondente ao piso [UE.2] já não é identificável na metade sul e sul-ocidental da Cabana 4 (Quadrados T1, TU2, TUVX3 e UVX4 onde, imediatamente abaixo da UE.0 surge um nível de terras castanho-amareladas escuras (10YR3/4) com abundantes elementos pétreos em xisto de pequenas dimensões que, como viemos a verificar, serve de suporte à UE.2. Aproximadamente a meio do extremo sul da Cabana 4 surgiu uma outra estrutura negativa [UE.57] de planta grosseiramente elipsoidal com 88cm de diâmetro E-W por 77cm no sentido N-S e 14cm de profundidade máxima conservada. Limitava-a um círculo incompleto de pedras de pequenas dimensões. Preenchiam-na terras arenosas de cor castanha-escura (7.5YR3/2) [UE.58]. Perto do seu extremo oeste foi recolhido um “pingo de fundição” metálico [FCORV-A-193], posteriormente identificado pelo Laboratório de Arqueometalurgia do ITN como tratando-se

QUADRO 2
BURACOS DE POSTE DO HABITAT SUPERIOR DA FRAGADOS CORVOS
SECTORA – SONDAGEM 3

Ambiente	UE B.poste	UE Ench.	Diam(cm)	Z. Detec(m)	Z.Fundo(m)	P(cm)	Estrutura
Cabana 2	9	10	13	869,50	869,31	19	simples
	11	12	13	869,50	869,37	13	simples
	19	20	12	869,39	869,19	13	simples
	21	22	12	869,50	869,33	17	simples
	23	24	16	869,39	869,22	17	simples
	26	27	11	869,49	869,21	28	simples
	28	29	12	869,28	869,18	10	simples
	34	35	11	869,23	869,13	10	simples
	36	37	11	869,31	869,21	10	simples
	38	39	12	869,44	869,30	14	simples
	48	49	30	869,38	869,21	17	central c/calços
	59	60	10	869,23	869,17	6	simples
	61	62	10	869,23	869,17	6	simples
	63	63	10	869,24	869,21	4	simples
	Média		13	869,37	869,23	14	
Cabana 4	111	112	9	868,54	868,45	9	simples
	113	114	10	868,54	868,47	7	simples
	115	116	10	868,55	868,48	7	simples
	117	118	12	868,68	868,64	4	simples
	119	120	9	868,63	868,55	8	simples
	121	122	10	868,62	868,56	6	simples
	123	124	13	868,72	868,70	2	simples
	125	126	9	868,61	868,50	11	simples
	127	128	12	868,58	868,46	12	simples
	129	130	11	868,71	868,58	13	simples
	131	132	10	868,76	868,64	8	simples
	133	134	11	868,74	868,67	7	simples
	135	136	11	869,17	869,07	10	simples
	137	138	10	869,22	869,10	12	simples
	139	140	14	869,24	869,11	13	simples
	141	142	8	869,18	869,08	10	simples
	143	144	13	869,01	868,98	13	simples
	145	146	13	869,16	868,99	17	simples
	147	148	13	869,07	868,91	16	simples
	149	150	12	868,99	868,79	20	simples
	153	154	33	868,96	868,78	18	central calçado pela lage
	Média		12	868,84	868,73	11	

de um Bronze Binário de cobre e estanho⁴, bem como um provável fragmento de escória ainda não analisado.

Este conjunto de dados permite colocar a possibilidade da estrutura composta pelas UEs.57/58 constituir uma "caixa-de-areia" e da extremidade sul da Cabana 4 ser interpretável como uma "área de fundição". As próprias dimensões da Cabana 4 permitem perspectivar para esta uma funcionalidade diferente das restantes três até ao momento escavadas.

As duas sondagens 2 e 3, após as respectivas estruturas negativas terem sido preenchidas com poliuretano expandido, foram cobertas com geotextil e terra crivada como preservação para a campanha de 2005.

3.2. OS ABRIGOS

Após a limpeza superficial, foi implantado o referencial base e montada uma quadrícula com uma matriz de 1 metro, orientada ao Norte magnético, tendo sido delimitados para intervenção uma linha de quadrados correspondente a F/I-6 (Est. V).

Neste sector iniciámos as Unidades Estratigráficas [UE] a partir do número 2000 de forma a marcar uma clara distinção em relação ao Sector A do Povoado Superior.

Após estes passos e o registo fotográfico, procedemos à remoção de todas as terras soltas de superfície [UE.2000] que se apresentavam como uma camada de cor castanho pálido (Munsell 10YR7/4, quando secas).

Desta UE recuperámos um conjunto osteológico proveniente de B-6, nomeadamente uma mandíbula inferior presumivelmente de coelho, um molar de *Sus scrofa* e o osso longo de um pequeno carnívoro, possivelmente o resultado de recentes acções predatórias no local.

Sob a UE.2000 detectou-se, na área intervencionada, uma camada de terras arenosas [UE.2001] com uma consistência média e cor castanho avermelhada quando húmidas (5YR4/4) mas que se apresentava idêntica em termos de coloração à UE.2000 quando seca. A decapagem desta unidade permitiu determinar ser de formação idêntica à UE.2000, visto que englobava para além de um importante conjunto de artefactos arqueológicos, homogéneo entre si, materiais modernos, dos quais destacamos um isqueiro em plástico, sem dúvida o resultado dos remeximentos a que esta área esteve sujeita em momentos recentes.

Sob a UE.2001 era possível discernir as diversas realidades (Est. V), das quais destacamos a detecção do que julgamos constituírem as interfaces superiores de eventuais pisos de habitat, a saber:

- No quadrante sudoeste de F-6 e prolongando-se para o mesmo quadrante de G-6, a UE.2004 composta por terras compactas e duras de coloração castanha escura (10YR4/3), em parte afectada por uma fossa de raiz [UE.2013];

- Encontrando-se à mesma cota da UE.2004, mas em H-6, foi identificada a UE.2002, com a mesma consistência e coloração, que julgamos constituir a mesma realidade arqueológica tendo ambos sido designados por *Piso a*;

- Em I-6, detectámos um outro conjunto de terras compactas algo húmidas [UE.2003] numa matriz castanho amarelada (10YR5/4), que se nos afigura ser a interface superior de um outro piso de habitat, ainda que a cota inferior; sendo por isso, anterior às UE.2002 e 2004. Esta camada encontrava-se afectada no canto Sudoeste do quadrado pela presença de uma fossa [UE.2006] que a atravessou.

Após o respectivo registo gráfico e fotográfico procedemos à decapagem das UE.2021 e 2022, bem como à escavação das diversas pequenas fossas entretanto identificadas [UEs.2006/2007, 2008/2009, 2034/2033, 2013/2012, 2016/2015] tendo-se verificado em todos os casos serem o resultado da acção de raízes, que nalguns casos provocaram profundos remeximentos na área (Est. VI).

O passo seguinte consistiu na decapagem da realidade designada por *Piso a*, constituída pelas duas unidades estratigráficas que considerámos como a interface superior de pisos de habitat [UE.2002 e 2004] (Est. VII).

Em ambos os casos pudemos verificar que a matriz de terras castanhas (10YR4/3) escuras, bastante compactas na sua interface superior, com cerca de 15 cm de espessura, teria sido formada pela utilização intensiva do espaço, sem dúvida como um espaço de habitat, eventualmente associado a actividades das quais resultou um pequeno fragmento de uma eventual de escória de fundição⁵.

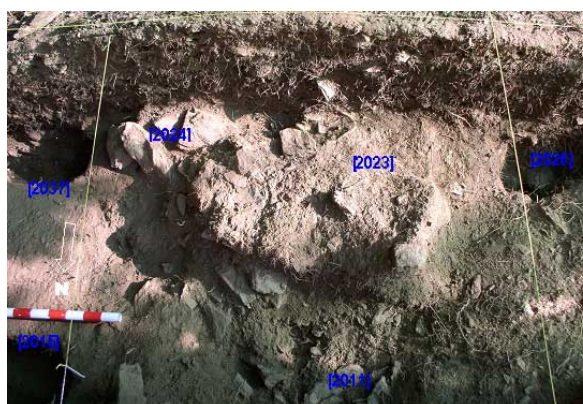


Foto 5 – Pormenor da interface superior

A UE.2002 assentava em clara descontinuidade sobre uma matriz de terras castanho-amareladas escuras (10YR4/4) também elas bastante compactas [UE.2023] às quais parecia estar associada uma pequena estrutura pétrea, de elementos de médias dimensões em xisto [UE.2024] (Foto 5).

Quanto à UE.2004, também ela se sobrepunha a uma matriz de terras castanhas escuras (10YR4/3, quando húmidas) e compactas [UE.2036], em tudo similar à correspondente UE.2023 de H-6. Pela similaridade de cotas e relação entre ambas, parece-nos tratar-se da interface superior de um outro piso de habitat – que aqui referenciaremos como *Piso b* ao qual se sobrepôs o *Piso a* consubstanciado pelas UEs 2002 e 2004.

Sobrepondo-se, em parte à UE.2036 – por isso ao

Piso b – e coberto pela UE.2004, detectámos em G-6 uma camada de terras argilosas [UE.2035] castanhas-amareladas escuras (10YR4/4) que identificámos como sendo cerâmica de revestimento (Fotos 6 e 7), eventualmente resultado do derrube de uma estrutura⁶ coeva da utilização do *Piso b*, e anterior à constituição do *Piso a*.

O *Piso b* – bem como em parte o *Piso a* que se lhe sobrepunha – foram afectados pela acção destruidora de uma enorme raiz, cujas ramificações foram as responsáveis pelas fossas UE.2037, em G-6, UEs 2039 e 2041, já



Foto 6 – Situação após a decapagem da UE.2004, em F/G-6, permitindo a detecção do *Piso b* [UE.2036] e do derrube de "barro de cabana" [UE.2035].



Foto 7 – Grande plano da UE.2035, sendo visível a presença de elementos de cobertura vulgo "barro de cabana"

em F-6.

De seguida, e tendo em conta as limitações de tempo, procedemos à desmontagem das UE.2023 e UE.2011, de modo a podermos entender a sequência de unidades sob o *Piso b* (Est. VIII).

A decapagem da UE.2011 que abrangia os quadros G/I-6, permitiu determinar ser esta uma adição recente à estratigrafia do arqueosítio, visto ser o resultado dos remeximentos devidos a um conjunto de raízes de acácias – vulgo mimosas – que se desenvolveram na entrada do abrigo. Desta forma, a UE.2011 constituía o enchimento de um conjunto de fossas, resultado das ramificações destas raízes - UE.2005 e 2033. Estas fossas



Foto 8 – Barro de cabana ainda com os negativos de ramagens FCORV-A2 64/04

encontravam-se inseridas numa matriz de terras de consistência média [UE.2043] de cor castanha amarelada escura (10YR4/4).

Sob a UE.2023 – o *Piso b* – detectámos a continuação da estrutura pétrea já detectada anteriormente [UE.2024], composta exclusivamente por elementos de xisto, de médias e grandes dimensões, alargando-se no sentido N-S (Est. VIII e Fotos 9 a 13) formando o que se configura como uma plataforma de suporte e de retenção de terras, à entrada do Abrigo. Saliente-se que a UE.2024 é anterior e também contemporânea do *Piso b*, aqui representada pela UE.2023.

Inseridos no seio da UE.2023, recuperámos um conjunto de artefactos constituído quase exclusivamente por cerâmica, toda ela de produção manual, destacando ainda pela sua importância a presença de um osso longo – de um pequeno felídeo, eventualmente gato-bravo – *Felis silvestris*.

Apesar da UE.2024 se encontrar algo remexida no quadrante norte de H-6, devido à acção de raízes, os elementos conservados encontram-se bem cravados e

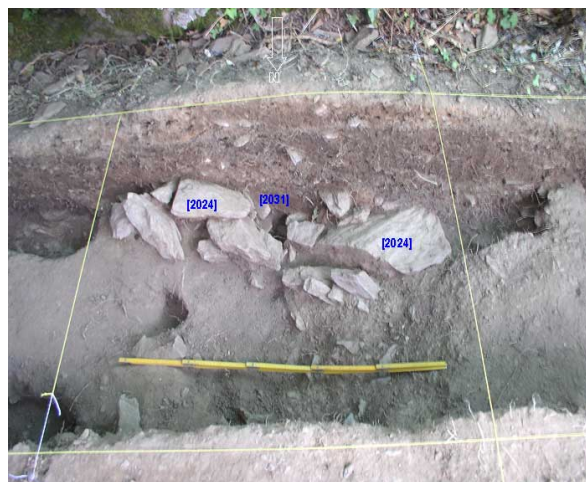


Foto 9 – Estrutura pétrea UE.2024, após a decapagem da UE.2026, mas num momento anterior à remoção da UE.2011. No centro desta estrutura, encostado ao corte S da Sanja de intervenção, é perfeitamente visível o buraco de poste estruturado [UE.2031].

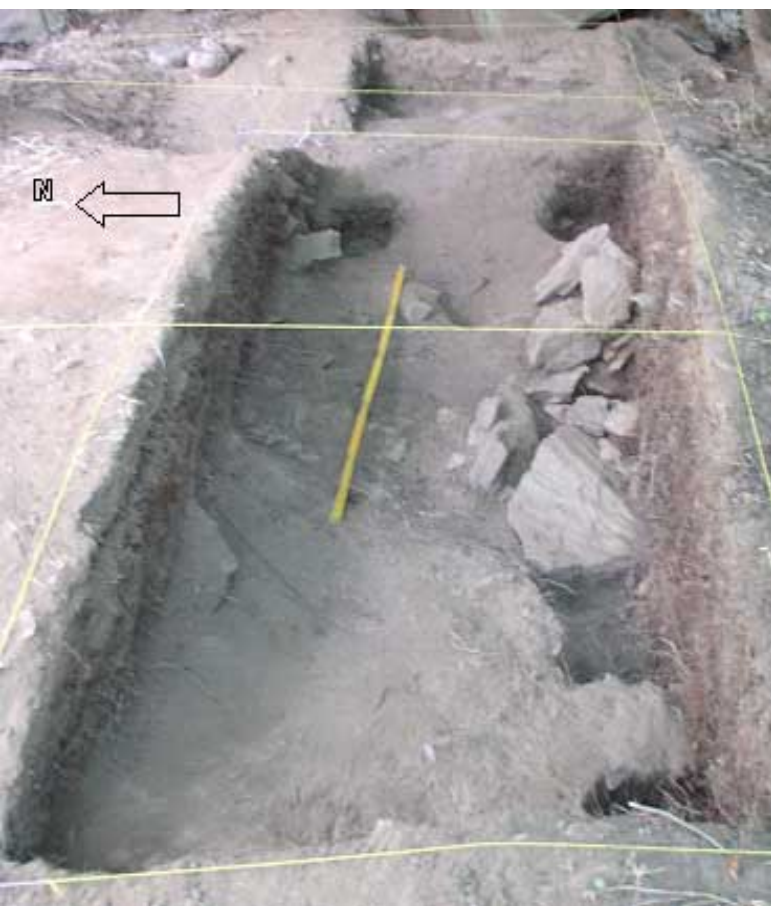


Foto 10 – Vista geral da zona intervencionada, no sentido O-E após a remoção da UE.2023.

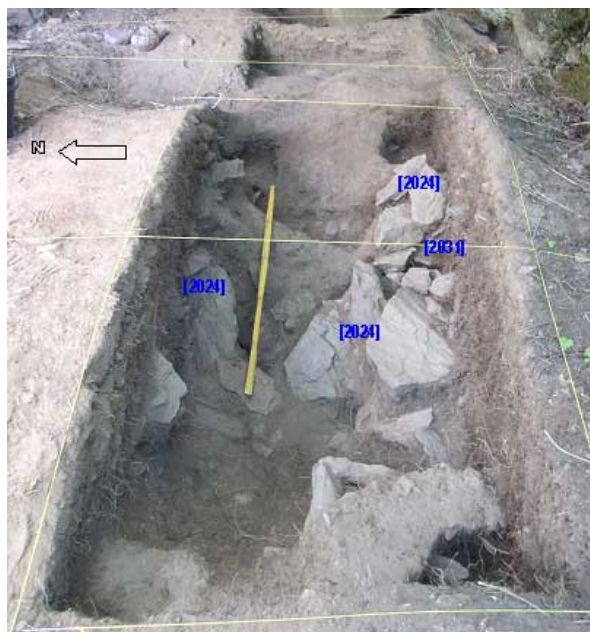


Foto 11 – Vista geral da área intervencionada no final dos trabalhos, sentido O-E, após a remoção da UE.2011, sendo claramente visível a continuação da UE.2024, que se configura como uma estrutura de contenção/sustentação de terras proporcionando uma plataforma de ocupação.



Foto 12 – A UE.2024 vista de E-O, destacando-se as fossas das raízes que danificaram parte dos estratos arqueológicos.



Foto 13 – Grande plano da plataforma UE.2024 – salientada graficamente – no final dos trabalhos da presente campanha.

imbricados. Destaque-se ainda que no lado sul de H-6, sob a UE.2023 e estruturado pela UE.2024 detectámos um buraco de poste [UE.2031] com uma profundidade de cerca de 30 cm e um diâmetro de cerca de 12 cm, encontrando-se intacto, excepto em parte do quadrante norte, onde uma pequena raiz o perfurou na horizontal. Este buraco encontra-se inserido na estrutura UE.2024, mas é anterior ao *Piso b* [UE.2023] que o selou.

Por manifesta falta de tempo e recursos, demos por concluída a campanha, tendo sido a totalidade da área intervencionada coberta por geotextil e por terra crivada.

4. OS MATERIAIS RECOLHIDOS E O RESPECTIVO ENQUADRAMENTO CRONO-CULTURAL

A Olaria – Os materiais recolhidos nos diversos con-

textos escavados são maioritariamente constituídos por olaria fragmentada. Embora esta ainda se encontre em estudo é já possível adiantar aspectos que permitem avançar na caracterização crono-cultural deste sítio de habitat.

É desde já de registar que, na sequência da identificação de um recipiente com decoração pontilhada geométrica de "Tradição Campaniforme" [FCORV-RA7/9] entre os materiais provenientes de antigas recolhas (Fig.4), fragmentos de recipientes com decoração deste

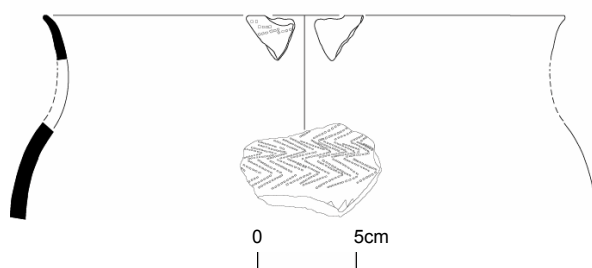


Fig. 4 – Fragmento de vaso de colo estrangulado com decoração pontilhada geométrica de "Tradição Campaniforme" proveniente de recolhas antigas.

tipo foram igualmente recolhidos *in situ* nos pavimentos das Cabanas 1, 2 e 3, bem como no Abrigo 2 (Figs.5 e 7). Particularmente interessante é o facto do fragmento recolhido na Cabana 1 (Fig.5) pertencer a uma taça de carena baixa e bordo exvertido que alia decoração pontilhada sobre o lábio e decoração incisa em xadrez sob a carena. Recordemos que, da Cabana 1 e da Campanha 1 (2003), provém um fragmento de uma "Taça Cogeces" [FCORV-A5] com decoração sobre o lábio em retícula incisa pelo interior e em espinhas incisais a punção pelo exterior (Fig.6). Em 2004 recolhemos novos fragmentos com decoração incisa em espinha nas Cabanas 1, 4 e 5 bem como no Abrigo 2 (Fig.8).

A conjugação de decorações de "Tradição Campaniforme" com elementos decorativos e formas cerâmicas típicos do "Mundo Cogeces" constitui um elemento poderoso para podermos considerar o enquadramento das respectivas ocupações num mo-

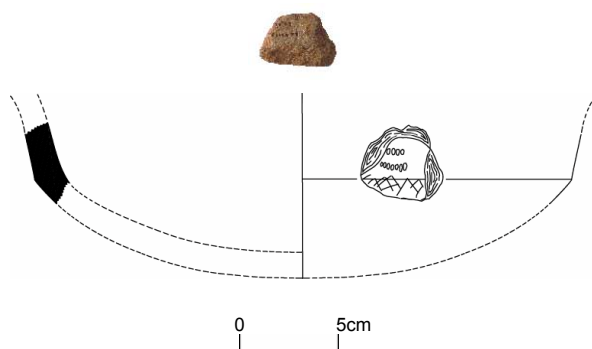


Fig. 5 – [FCORV-A105] Fragmento de taça carenada com decoração pontilhada e incisa proveniente da Cabana 1.

mento relativamente antigo da 1ª Idade do Bronze.

É hoje claro que o "fenómeno Campaniforme" abrangendo no âmbito peninsular uma diacronia bem mais ampla do que poderíamos considerar ainda há bem poucos anos (SENNA-MARTINEZ, 2002.). Nomeadamente, parece seguro que o mesmo se prolonga para os primeiros séculos do segundo milénio cal AC e, desse modo, é parte

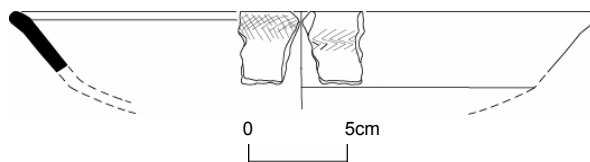


Fig. 6 – [FCORV-A5] Taça "Tipo Cogeces" recolhida em 2003 na Cabana 1.

integrante da etapa inicial da Primeira Idade do Bronze.

Os dados actualmente disponíveis sobre o arranque, na Meseta Norte, do "Mundo Cogeces" ou "Proto-Cogotas" apontam para cerca de 1700 cal AC, com possibilidade de fazer recuar o limite inferior a 1800 cal AC,



Fig. 7 – Fragmentos de olaria com decoração em pontilhado geométrico de tradição campaniforme provenientes, da esquerda para a direita, das Cabanas 2 e 3 e do Abrigo 2.

sobretudo se levarmos em linha de conta a evidência proveniente do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão, para nós particularmente importante pela proximidade relativa à nossa área de estudo (CASTRO MARTINEZ,



Fig. 8 – Fragmentos de olaria com decoração em espinha impressa a punção de "Tipo Cogeces", provenientes, da esquerda para a direita e de cima para baixo, respectivamente das Cabanas 5, 1 e 4 e do Abrigo 2.

LULL & MICÓ, 1996: 161-167).

Uma cronologia do 1º quartel do segundo milénio parece-os assim compatível com esta evidência material

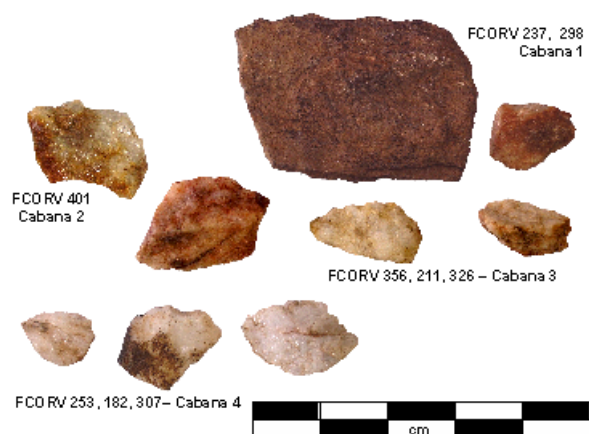


Fig. 9 – Elementos de foice recolhidos em

descoberta na Fraga dos Corvos.

A Pedra Talhada – Os únicos elementos de pedra talhada recolhidos em 2003 tinham sido três “dentes de foice” dois dos quais provenientes da Cabana 1. Neste momento, possuímos novos artefactos deste tipo (Fig.9) que além de acrescentarem três novos exemplares ao conjunto da Cabana 1 [FCORV-A 237/298/382] documentam achados equivalentes nas restantes três cabanas: Um exemplar na Cabana 2 [FCORV-A 401], três na Cabana 3 [FCORV-A 211/326/356] e outros três na Cabana 4 [FCORV-A 182/298/382].

A indústria lítica talhada inclui ainda outros artefactos não só em quartzo leitoso e quartzito (pontas de seta, raspadores, furadores...) mas também em xisto, nomeadamente pontas de seta (Fig. 10) e furadores, para o que



Fig. 10 – Pontas de projectil em xisto recolhidas em 2004 nas Cabanas 1 e 4.

parece ter sido escolhida uma variedade de xisto anfíbólico particularmente duro e disponível localmente nas rochas da vertente norte-occidental do cabeço.

Na Cabana 4 foi igualmente recolhido um fragmento de uma bigorna de técnica bipolar sobre seixo de quartzito [FCORV-A 126] a qual, conjuntamente com outro

Fraga dos Corvos

“Idoliformes”



Fig. 11 - Idoliformes

exemplar proveniente da UE.2001 do Abrigo 2 [FCORV-A2 22], documentam este tipo de talhe particularmente adequado ao quartzo e quartzito e que a presença de um núcleo de lamelas fragmentado em quartzo leitoso na Cabana 1 [FCORV-A 137] justifica.

A presença de uma indústria em matérias primas locais revela não só eventuais dificuldades de abastecimento de rochas com melhores características de talhe (sílex, etc.) mas também uma perfeita adaptação às realidades locais e tem correlações com o verificado nos povoados do Calcolítico e do início da Idade do Bronze escavados por Susana Oliveira Jorge na região de Chaves/Vila Pouca de Aguiar (JORGE, 1986.) onde predominam matérias primas de origem regional, com destaque para o xisto.

Também no nível 1 do Buraco da Pala em Mirandela (SANCHES, 1997: Vol. II, p.212, Quadro 117) predominam rochas locais ou regionais com muito fraca representação do sílex.

No capítulo dos artefactos líticos talhados importa ainda referir dois que pela sua morfologia levantam algumas questões. Trata-se de duas peças em xisto anfíbólico em que o talhe visou manifestamente dar uma forma grosseiramente antropomórfica (Fig. 11). Na ausência de paralelos para uma qualquer funcionalidade material directa consideramos legítimo propor para estes dois objectos uma funcionalidade de cariz “ideotécnico” daí a designação de “idoliformes”.

Pedra Polida – Em pedra polida ressaltamos a descoberta em contextos das Cabanas 3 [FCORV-A 200/357] e Cabana 4 [FCORV-A 187/214/335], bem como dos níveis perturbados do Abrigo 2 [FCORV-A2 22/105/108] de fragmentos de moventes de mó manual em granito.



Fig.12 – Fragmento mesial de pequena lâmina em chert FCORV-A2 39/04



Fig. 13 – Fragmento de seixo rolado/dormente com vestígios de ocre vermelho FCORV-A2 29/04

Um outro fragmento de seixo de quartzito proveniente da UE.2001 do Abrigo 2 documenta uma utilização como elemento de moagem para ocre vermelho.

Metais – A campanha de 2005 forneceu as primeiras evidências de uma metalurgia local contemporânea dos fundos de cabana escavados e possivelmente também identificável no Abrigo 2.



Fig. 14 – Fragmento de cerâmica Castreja da UE.2018 FCORV-A2 20/04

Da Cabana 4 provém o já referido pingo de fundição [FCORV-A 194] cuja análise não-destrutiva por EDXRF no Instituto Tecnológico e Nuclear revelou tratar-se de

um bronze binário de cobre e estanho. Desta cabana bem como do *Piso a* [UE.2002] do Abrigo 2 provém ainda dois fragmentos do que aparenta ser escória de fundição mas cuja composição elementar ainda não foi possível documentar.

Da UE.0 (unidade superficial remexida) em T3 e no exterior da Cabana 4 provém ainda um pequeno cravo de ferro [FCORV-A 380] de tipologia pouco significativa mas que poderá ser um dos poucos indícios ainda existentes de que o cabeço poderá ter tido uma ocupação Castreja da Segunda Idade do Ferro, da qual não existe qualquer contexto preservado nas áreas já escavadas do Sector A. Como restos atribuíveis a tal ocupação são de referir ainda diversos dormentes de mó manual em granito recolhidos descontextualizados no caminho de acesso, três fragmentos de olaria a torno sem contexto seguro do Abrigo 2 [FCORV-A2 20/52/65] – incluindo um fragmento de bojo decorado – e três cossoiros recolhidos por populares com a indicação genérica de que provém do cabeço.

Restos Osteológicos – A campanha de 2004 forneceu, provenientes da quadrícula já escavada da matriz [UE.151] do empedrado [UE.152] da Cabana 5, diversos restos ósseos fragmentados e com evidente calcinação cuja identificação primária provisória parece indicar presença de ovi-caprinos e um suíno, este talvez selvagem (javali – *Sus scrofa*).

Do *Piso b* do Abrigo 2 [UE.2023] provém um osso longo provavelmente de gato



Fig. 15 – Osso longo de pequeno felídeo FCORV-A2 96/04



Fig. 16 – Restos ósseos fragmentados e com evidente calcinação provenientes da "lareira" da Cabana 5.

bravo (*Felis silvestris*)⁷.

Esperamos na campanha de 2005 concluir a escavação da Cabana 5 e então os restos osteológicos recuperados serão encaminhados para o CIPA para identificação definitiva e, se o seu conteúdo em colagéneo o permitir, uma amostra será submetida a datação radiocarbónica.

5. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE

No final desta segunda campanha de escavações neste arqueossítio algumas conclusões são já passíveis de serem formuladas:

- Toda a evidência estrutural e artefactual recuperada em contextos seguros quer no Povoado Superior quer no Abrigo 2 é consentânea com uma atribuição cronocultural à Primeira Idade do Bronze.

- No Povoado Superior os dados obtidos permitem já considerá-lo como um habitat provavelmente permanente que, pela sua posição desfrutaria de extenso controlo visual da paisagem, abrangendo a totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros.

- Alguns dos artefactos – dentes de foice e elementos de moagem – sugerem actividades agrícolas, a que os restos de fauna da Cabana 5 podem permitir juntar pastorícia e caça.

- A evidência de metalurgia do bronze, conquanto escassa, assume indiscutível importância a dois níveis. Por um lado sugere uma entrada relativamente precoce no Noroeste Peninsular das ligas de cobre e estanho – já perspectivável a partir das análises conhecidas de machados dos chamados tipos Bujões e Barcelos – e por outro deve ser encarada na provável relação com os achados dos depósitos de alabardas de tipo Carrapatas em portelas de acesso à Bacia de Macedo de Cavaleiros.

- A ocupação do Abrigo 2, materializada nos pisos a e b, sendo culturalmente indistinguível da do Povoado Superior sugere contudo funcionalidades diferentes. No primeiro momento até ao momento identificado (*Piso b*) o seu espaço parece ser limitado em relação ao exterior por uma “parede” ou “guarda-vento” com fundações pétreas e estrutura de postes de madeira (buraco de poste UE.2031) completada por ramagens entrançadas e revestidas a barro. Esta estrutura sofreu incêndio, pelo menos parcial, demonstrado pela cerâmica de revestimento. Um segundo momento é materializado pela construção de um segundo piso (*Piso a*) até ao momento sem outras estruturas associadas.

Nestes termos consideramos de fundamental importância a continuidade do estudo deste arqueossítio já programada para Agosto/Setembro de 2005.

Todos os materiais recolhidos se encontram em estudo nas instalações do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, destinando-se a integrar o futuro Museu Regional de Arqueologia de Macedo de Cavaleiros.

BIBLIOGRAFIA:

BÁRTHOLO, M.L. (1959.) “Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança”, in: Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, Vol. I, pp.431-39

CASTRO MARTÍNEZ, P. V.; LULL, V. & MICÓ, R. (1996.) Cronología de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica y Baleares (c. 2800-900 cal ANE), Oxford, TEMPVS REPARATVM, «BAR International Series», 652

HARBINSON, P. (1967.) “Mediterranean and Atlantic Elements in the Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia”, in: Madrider Mitteilungen, 8, pp.100-122

HARBINSON, P. (1968.) “Três tipos de machados de bronze do norte de Portugal e suas prováveis origens”, in: Rev. Guimarães, LXXVIII, pp.49-54

JORGE, S. O. (1986.) Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vª Pouca de Aguiar, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3 Vols.

SANCHES, M.J. (1997.) Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 2 Vols.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2002.) “Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX”, in: Arqueologia 2000: Balanço de um século de Arqueologia em Portugal, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.103-124

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994.) “Subsídios para o estudo do Bronze Pleno na Estremadura Atlântica: (1) A alabarda de tipo «Atlântico do Habitat das Baútas (Amadora)”, in: Zephyrus, XLVI, pp.161-182.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004.) “A Fraga dos Corvos : Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros”, in: Cadernos «Terras Quentes», 1, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.32-58

NOTAS:

1 Ana Maria Esteves Canilho Granado Moreira (3º Ano Arqª e Histª), Cíntia Maurício da Costa e Silva (Licª Arqª e Histª), João Carlos Lopes Nunes (3º Ano Arqª e Histª), Nuno Rafael Ribeiro dos Santos (3º Ano Arqª e Histª), Patrícia Alexandra Galvão Correia (2º Ano Arqª e Histª), Raquel Alexandra Luís Henriques (3º Ano Arqª e Histª), Ricardo Fernando Pinto (3º Ano Arqª e Histª) e Vanda Bela Maximiano Luciano (3º Ano Arqª e Histª).

2 Vanessa Lyn Smolenski (Anthrop. Major, University of Louisville – USA).

3 Agradecemos ao Dr. Manuel Cardoso a respectiva análise preliminar.

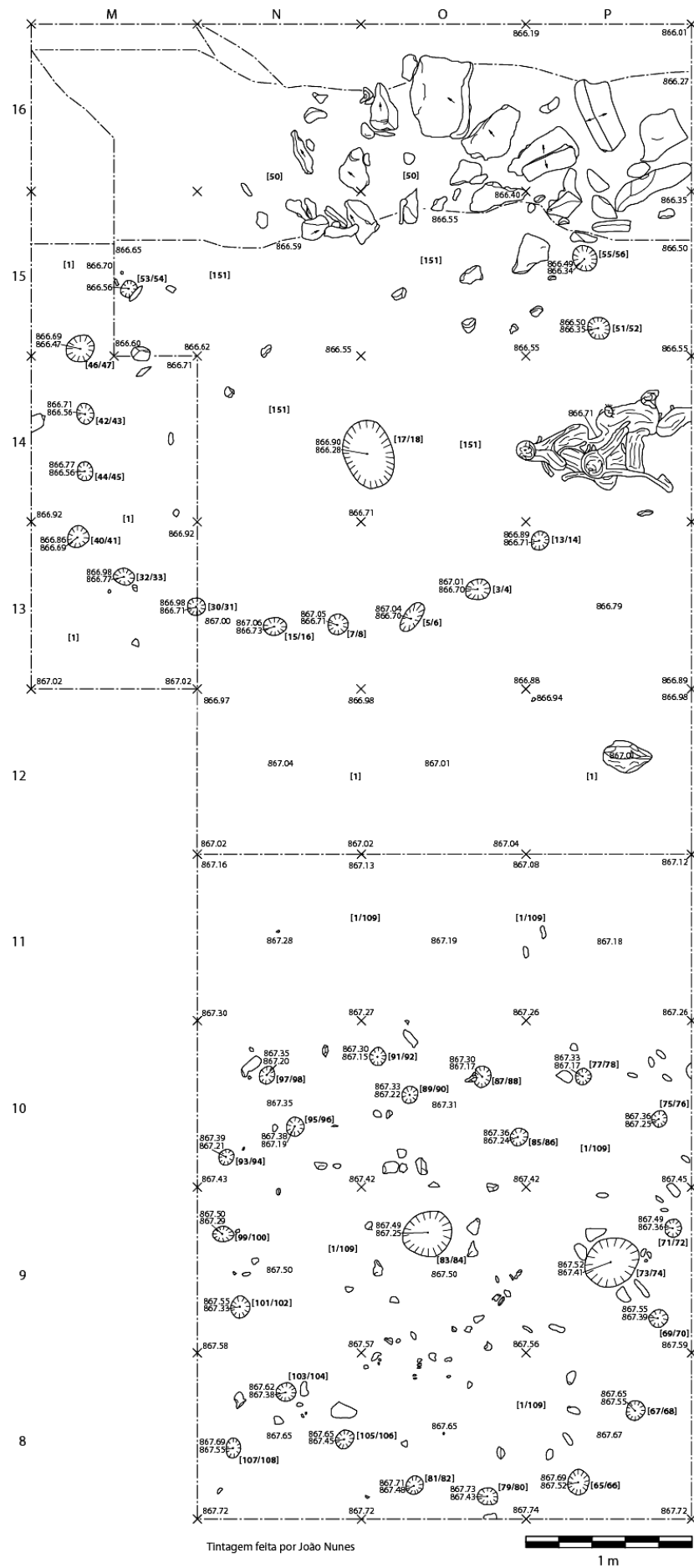
4 Agradecemos à Senhora Profª Doutora Fátima Araújo e ao Dr. Pedro Valério esta informação.

5 Presentemente em análise no ITN, Sacavém.

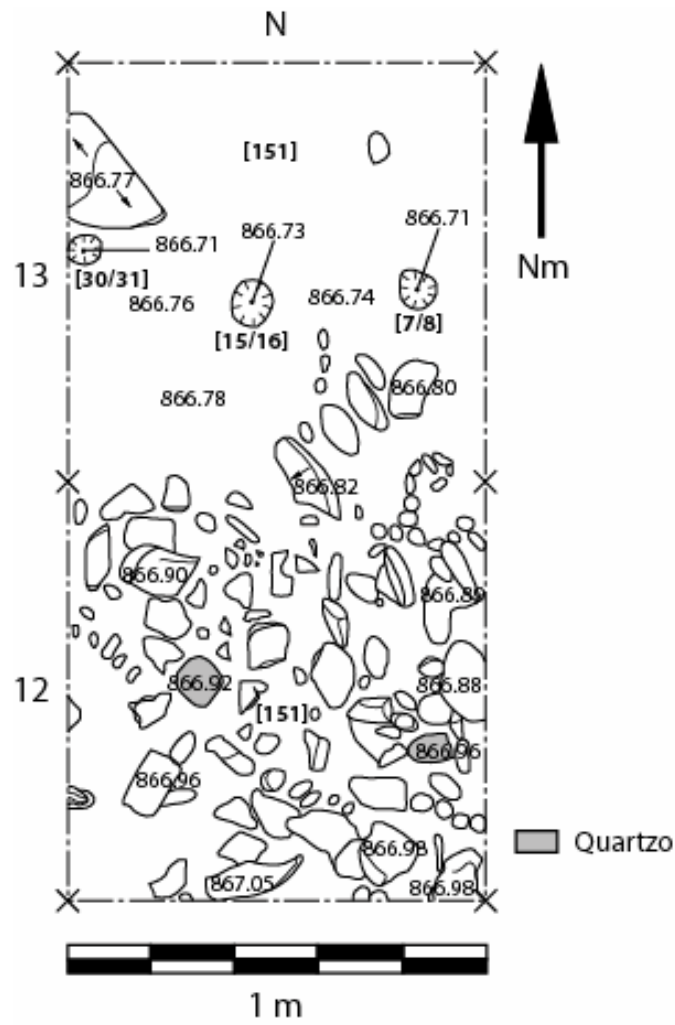
6 Foram recuperados vários fragmentos de cerâmica de revestimento, onde ainda eram visíveis as marcas, em negativo, de ramagens utilizadas na construção de paredes (Foto 8).

7 Agradecemos ao Dr. Manuel Cardoso estas indicações preliminares referentes aos restos ósseos escavados.

EST. I



EST.II

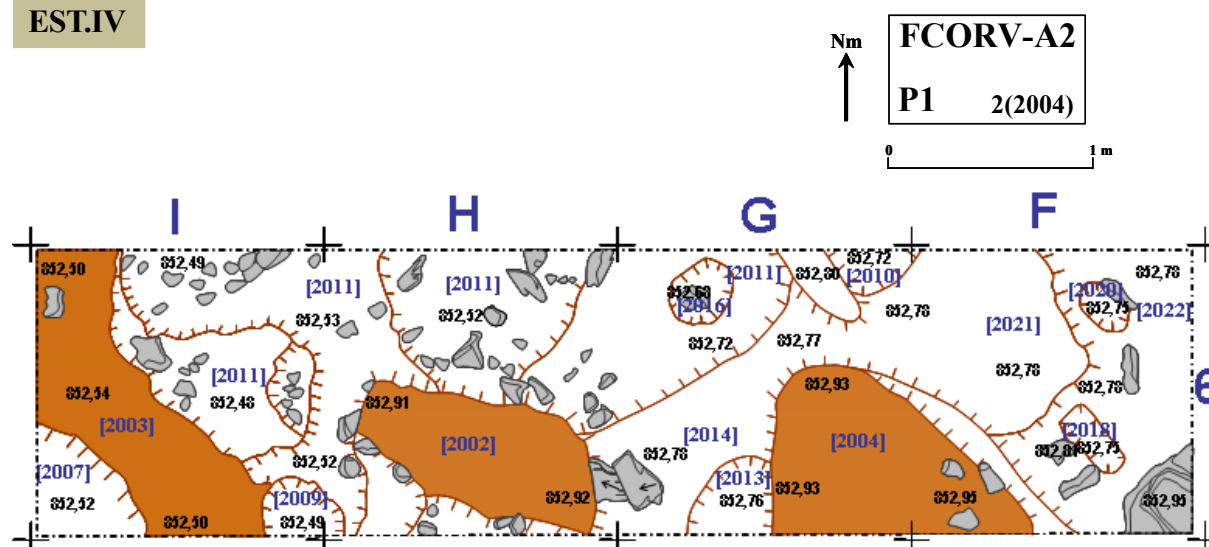
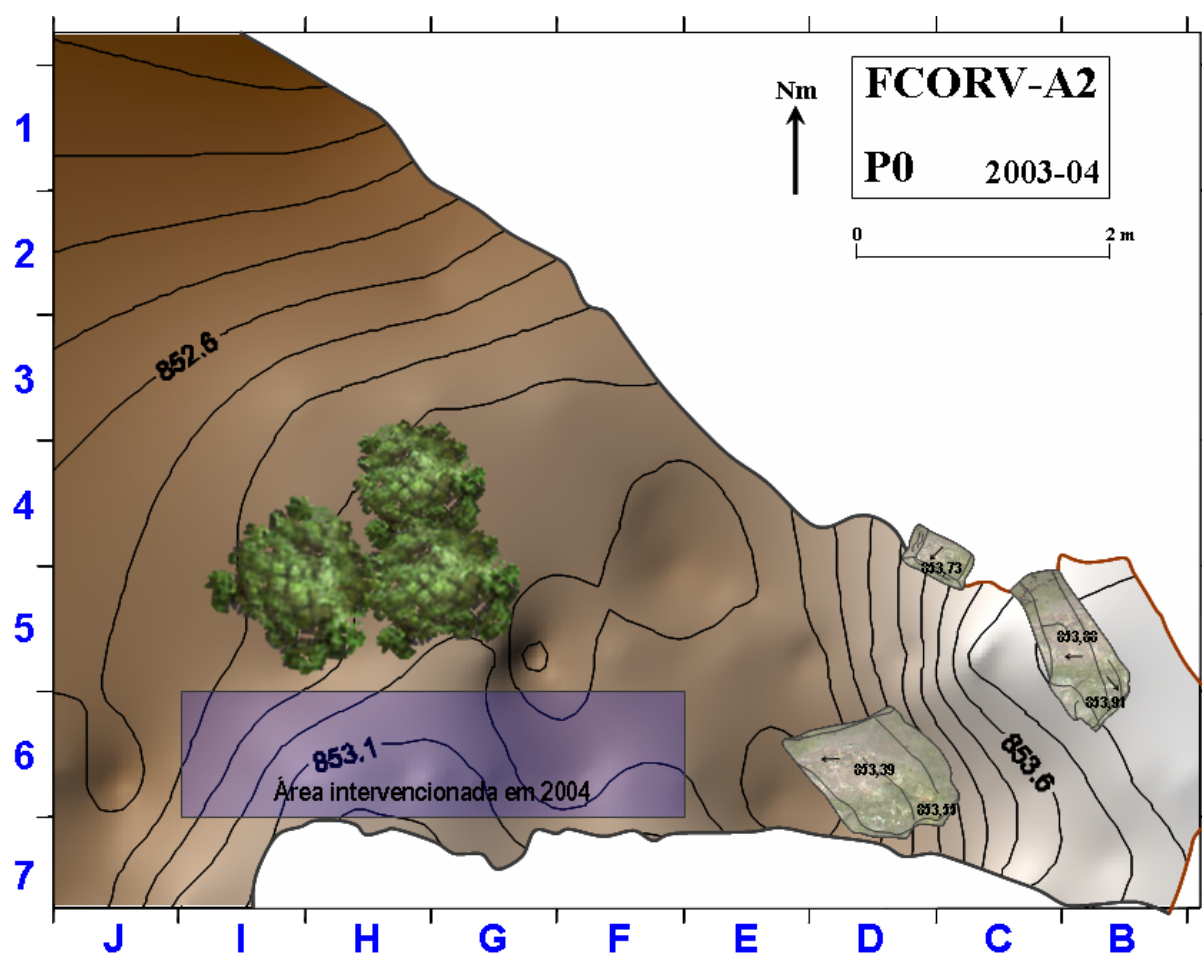


Tintagem feita por João Nunes

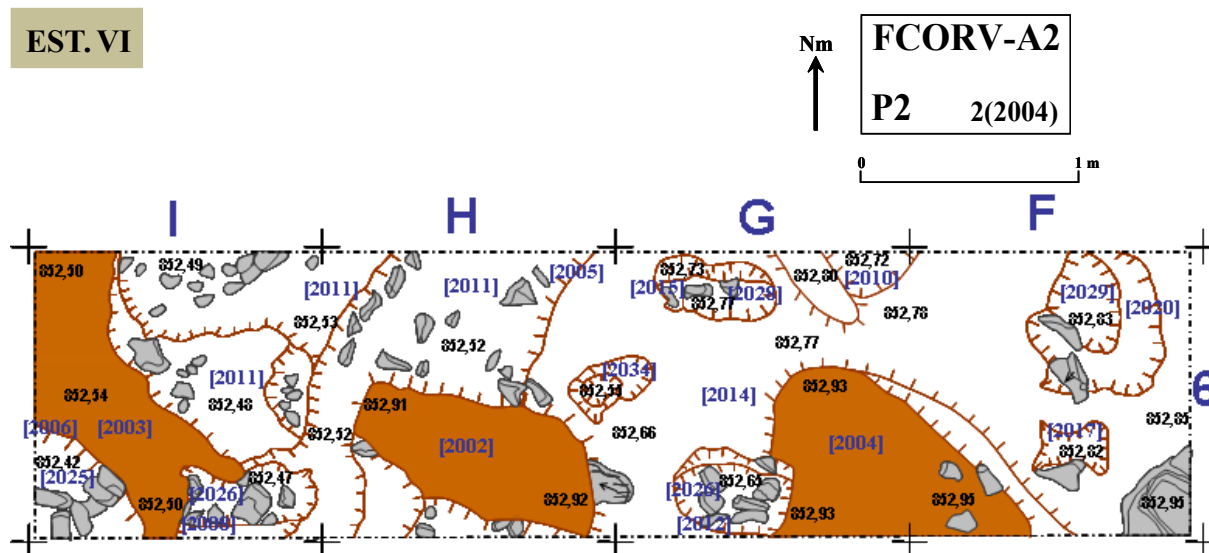
The map shows a detailed geological survey of a specific area. Key features include:

- Geological Units:** Labeled with numbers in brackets, such as [2], [11/12], [21/22], [23/24], [19/20], [28/29], [34/35], [59/60], [61/62], [36/37], [38/39], [26/27], [139/140], [137/138], [135/136], [143/144], [123/124], [117/118], [121/122], [119/120], [111/112], [113/114], [115/116], [125/126], [127/128], [131/132], [133/134], [149/150], [147/148], [145/146], [141/142], [154], [153], [110], [111], [112], [113], [114], [115], [116], [117], [118], [119], [120], [121], [122], [123], [124], [125], [126], [127], [128], [129], [130], [131], [132], [133], [134], [135], [136], [137], [138], [139], [140], [141], [142], [143], [144], [145], [146], [147], [148], [149], [150], [151], [152], [153], [154], [155], [156], [157], [158], [159], [160], [161], [162], [163], [164], [165], [166], [167], [168], [169], [170], [171], [172], [173], [174], [175], [176], [177], [178], [179], [180], [181], [182], [183], [184], [185], [186], [187], [188], [189], [190], [191], [192], [193], [194], [195], [196], [197], [198], [199], [200].
- Topographic Features:** Shaded areas representing hills or outcrops, including a large one labeled 'Xisto' and another labeled '[25]'. A large circular feature is labeled '[58]'. Other smaller circular features are labeled with numbers in brackets.
- Grid and Scale:** The map is divided into a grid with letters X, V, U, T and numbers 1, 2, 3, 4, 5. A scale bar indicates 0 to 100 meters. A north arrow is present.
- Other Labels:** 'Frag. movente -335 -' is labeled near the bottom right.

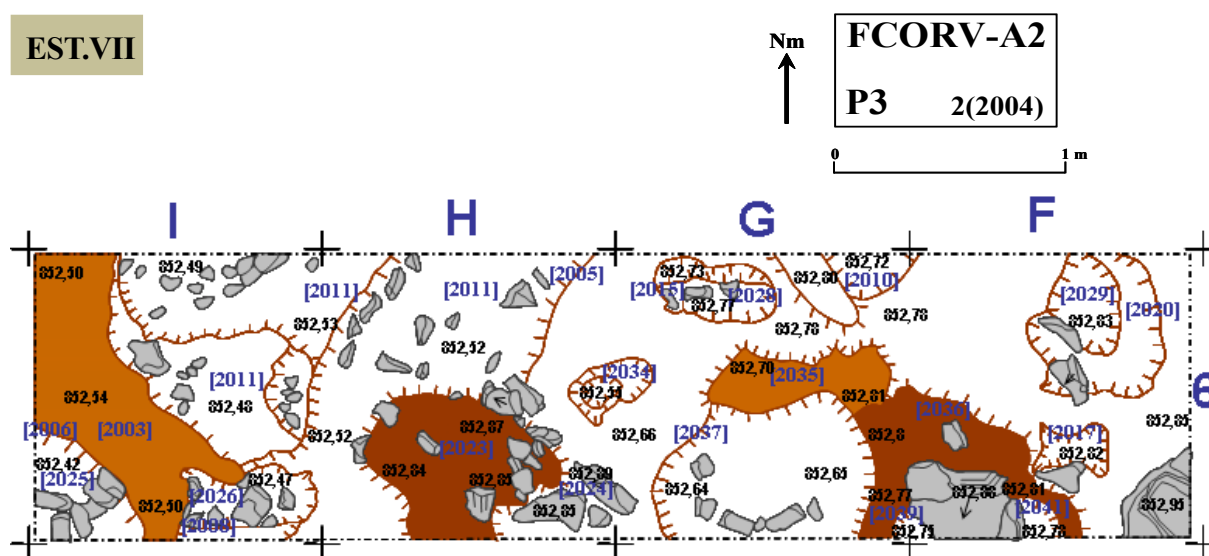
1 m



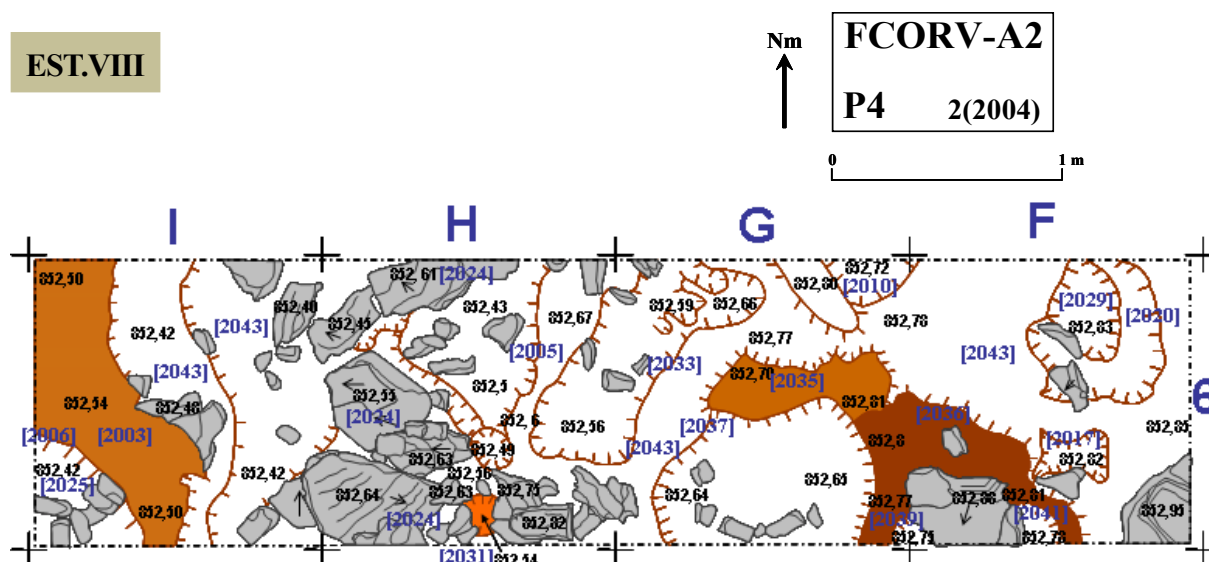
EST. VI



EST. VII



EST. VIII



2(2004)

